Ser Humano: casa em construção, território de forças antagônicas

Neura Cezar – UFRGS

Doutoranda em Psicologia Social e Institucional – UFRGS – POA/RS e UPF – Barcelona – Es
E-mail: neurafma@yahoo.com.br
Fone: (51)3312-1248; (51)9 9977-5366

Marivone Mai – UFRGS

Esp. em Orientação Educacional – UCB-DF
E-mail: maimarivone661@gmail.com
Fone: (51)9 9114-5740

Data de recepção: 28/11/2014

Data de aprovação: 09/04/2015

Resumo: O presente artigo se propõe a pensar a condição humana a partir da lógica nietzschiana centrada na imanência e no jogo de forças naturais e antagônicas que a habitam. Seguindo o raciocínio do filósofo, cuja máxima está sintetizada no pensamento: “Torna-te quem tu és” (NIETZSCHE, 2011), pode-se perceber a cartografia delineada na composição de um território que tem o corpo e a vida como parâmetro do pensar, do sentir e do viver. A metáfora da casa, costurará toda a trama reflexiva, demarcando o árduo, inevitável e contínuo movimento de construção e destruição que constitui a dinâmica da existência. Três momentos perpassarão o desenvolvimento do artigo. No primeiro, a vida será ponderada a partir de um processo de construção e de demolição, tendo por base as paixões que a constituem. O segundo percurso traz o conceito de niilismo pensado a partir da “casa do nada”, com a possibilidade de posicionar-se ativamente frente a ele. O decurso final, “minha casa, minha vida”, é um convite a fazer da vida a sua casa, plataforma de base e de lançamento para uma espécie humana, demasiada humana.

Palavras-chave: Casa – Vontade de Potência – Niilismo – Forças Antagônicas – Vida

Introdução

O pensamento de Nietzsche, parte do pressuposto de que o ser humano está no mundo e nada dele escapa ao mundo. Ao assumir tal posicionamento incisivo e visceral, se contrapõe a toda uma configuração estruturada de pensar o ser humano e a vida que a modernidade vem solidificando ao longo do processo histórico cultural, balizada na filosofia socrática e nos que a sucederam, reafirmada pela visão cristã e, modernamente assentada em uma moralidade, reeditada e definida com rigor científico.

O entendimento moderno de ser humano calcado em uma racionalidade impregnada pela velha moral é para o filósofo, a responsável pela decadência da humanidade. Nietzsche (2009, p. 74) elabora críticas vorazes, argumentando o seguinte:

O olhar pessimista e fatigado, a desconfiança no enigma da vida, a glacial negação ditada pelo enfadonho, não são os sinais característicos daquela cruel infância da humanidade [...] refiro-me ao doentio moralismo que ensinou o homem a envergonhar-se de todos os seus instintos.

Segundo o autor, ao proclamar uma felicidade futura e exterior, a moral nega os instintos em nome de algo além e fora do mundo da vida, tornando-se um paliativo que domestica e subjuga. Nas suas palavras,

[...] o homem conseguiu essa fraqueza do estômago e essa linguagem mentirosa que lhe tornam insípida e dolorosa a vida, de modo que algumas vezes, inclina-se sobre si mesmo [...] faz o catálogo de suas fraquezas e misérias, “procriação impura, nutrição nauseabunda no corpo da mãe, má qualidade da substância donde provém o homem, mau cheiro, secreção de saliva, de urina e de excrementos (NIETZSCHE, 2009, p. 74).

De fato, histórica e culturalmente o ser humano foi destituído de sua corporeidade, atribuindo aos instintos e desejos que o constituem, a pecaminosidade, a vergonha e a aversão. Ao ser expulso de sua própria “casa”, que é sua corporeidade, passa a buscar abrigo na casa da moral, da racionalidade ou em outras tantas habitações que o contexto contemporâneo dispõe. Sempre vagando em busca de um habitat, não se dá conta de que é preciso destruir todas as casas fabricadas em solo moralista e construir ele mesmo a sua própria habitação.

O imperativo nietzschiano é, portanto, aquele que conchama a demolir e construir. Convoca a abandonar a condição de inquilino e conseqüentemente, deixar de pagar o preço alto, absurdo e abusivo do aluguel, que o faz tolerar e carregar o árduo fardo da culpa e do pecado incrustados na estrutura psíquica e tatuados na pele de cordeiro. A deixar de morar de favor e assumir a existência como ela é, a arquitetar a vida e fazer de si uma casa em construção.

1. Casa em construção: vontade de potência

“Me desconstruo a cada noite e no amanhecer da vida inicio o processo de reconstrução”.

(Autor desconhecido)

Casa significa uma parede construída pelo ser humano cuja função é constituir-se de um espaço de moradia para os indivíduos, de tal forma que estejam protegidos dos fenômenos naturais exteriores (vento, calor e frio), além de servir de refúgio contra ataques de terceiros (HOUAISS, 2009, p. 415).

A palavra casa, usada no texto, comunga deste significado. Ao empregá-la enquanto metáfora quer-se pontuar a vida como recinto habitado, espaço onde se abrigam vontades, paixões, instintos, desejos e potencialidades. Lugar onde a pessoa sente-se protegida das intempéries externas, das estruturas que engessam, apregoam ditames, cláusulas e normas que sufocam e cerceiam a vida. A casa-vida é arremesso do ser humano para a vida na vida, tendo o corpo como laboratório da existência.

Ao discorrermos sobre o humano no limiar nietzschiano, nos deparamos com um pensamento

forte, grávido de futuro, sem, contudo, deixar a imanência, a qual comporta a paradoxal e natural luta instintiva. A contundência do seu pensamento deixa entrever a sacralidade com que pensa a vida e a trama humana que se tece no mundo da vida. Sacralidade não no sentido moralista de sua e também da nossa época, mas enquanto capacidade de criação, experimento, encantamento, descoberta e naturalidade diante de si mesmo e vontade vital de ir além.

Uma vez que, o ponto gravitacional é a vida (PELBART, 2013) em torno dela o cotidiano precisa mover-se e ser movido, expandir-se e ser expandido. Também precisa ser o critério único das escolhas, fundamento da manutenção ou rejeição dos valores, tese pelo qual ponderamos e emitimos juízos.

A vida, então se torna laboratório, no qual o humano se experimenta, se descobre, se constrói. Aliás, não se realiza um experimento qualquer, mas ele próprio é o experimento. Há assim um processo contínuo e singular que cada um percorre para ir se fazendo em cada instante vivido, no aqui e no agora. De tal modo, o ser humano é: “[...] o grande experimentador de si próprio, o insaciável, o que luta para reinar sobre o animal sobre a natureza e sobre os deuses, o indomável, o de futuro eterno, o aguilhoado pela espora que o futuro introduz na carne do presente” (NIETZSCHE, 2009, p. 135).

Sendo o homem o “grande experimentador”, é plausível entender o autor em toda a reverberação contra a moral que cerceia e coage, determinando a maneira do homem ser e agir no mundo. Igualmente, a importância de sua posição “subversiva” no que concerne a natural instintividade e a dimensão corpórea.

O ser humano não tem apenas um corpo, ele é o corpo, por isso, suscetível a todas as artimanhas das forças antagônicas que o constituem. Compreende-se, então que o homem é tão determinado quanto os outros animais pelos seus instintos. Ele é desejo e esses desejos, enquanto forças instintivas contraditórias, determinam suas ações. Nietzsche entende por desejo, a Vontade de Potência. É vontade que procura expandir-se, superar-se, juntar-se a outras vontades, tornando-se mais potente. Ele compreende que desejo não é uma vontade que quer, mas o querer que se encontra na vontade. É a potência, o dizer “sim”, sim ao devir.

De tal modo, este ser desejante por natureza, é campo de luta constante de desejos aleatórios e caóticos que trava em si mesmo. Visto que está no mundo, não há nada nele que o faça diferente ou alheio ao mundo. O mundo é visto pelo autor, enquanto espaço caótico de acontecimentos, aglomerado de forças em luta constante em busca do máximo de expansão.

Qual é então o papel da razão na existência humana? A razão serve para que e para quem? Abordar tal questão requer-se pontuar que antes de Nietzsche, pela razão o ser humano tinha o poder de “escapar do mundo” e olhá-lo de cima (FERREIRA, 2013). Ver quais desejos sentia e escolher, mediante a escala de valores introjetados, qual seguir e quais ignorar. A razão, segundo as tradições precedentes, empoderava o homem e lhe outorgava a capacidade de livre arbítrio nas escolhas. Assim, ele se automeava livre, racional e desinteressado. Surge aí a concepção de uma razão que julga os desejos.

Em Nietzsche, porém, se tem uma razão que serve para justificar as ações do corpo. Não há nada na razão que transcenda o corpo, que faça o ser humano sair do corpo para julgar os seus instintos. Para o filósofo, é o corpo que pensa.

Forjar o mundo das ideias, desvincular a alma do corpo, como fez Platão e seus predecessores, tendo na modernidade a figura de Descartes como seu mais arguto expoente, é uma forma de refúgio, um artifício, uma alternativa encontrada pelo fraco para fugir da imanência, território da opressão, da subjugação e da luta intermitente, pois é no mundo da vida que o forte exerce a sua força. Com isso, inaugura-se uma era de negação da vida, dos instintos, dos desejos, do corpo.

Quando se desvia a seriedade da autoconservação, da fortificação do corpo, quer dizer, da vida, quando se faz da anemia um ideal, quando se constrói “a salvação da alma” sobre o desprezo ao corpo, o que é isso se não uma receita para a decadência? – A perda do equilíbrio, a resistência contra os instintos naturais, em uma palavra, a “ausência-de-si” – tudo isso foi chamado de moral até agora [...] (NIETZSCHE, 2011, p. 107).

No que há de mais real, humano e palpável que Nietzsche assenta o seu filosofar: a corporeidade e o jogo emblemático das paixões que o compõem. Quando conceitua o tipo fraco/forte, escravo/nobre, sinaliza a condição corporal de alguém que se afirma e afirma o seu poder no mundo da vida. Ao introduzir a Vontade de Potência inerente à condição humana, indica a moral subjacente nos interstícios das escolhas e ações cotidianas. Vontade de Poder é, então, força vital, inexaurível e criadora, que não se pode conter ou sobrepujar.

Nietzsche posiciona-se radicalmente contra a corrente filosófica, religiosa e moralista que postula valores metafísicos, destituindo o homem da condição imanente ao colocar fora da vida, seja numa promessa de vida eterna ou na crença em uma racionalidade capaz de suprimir seus desejos em nome do imperativo do progresso, da felicidade e da civilização (PELBART, 2013).

Propondo uma filosofia a “martelada”, conhecemos um autor que convida o ser humano a habitar a própria casa ou como fala a respeito de si: “Vivo em minha própria casa. Jamais imitei algo de alguém” (NIETZSCHE, 2001, prefácio).

Contudo, para se ter “casa” própria e nela habitar, o filósofo arquiteta uma maneira de afirmar a vida, de dizer “sim”, independente das circunstâncias em que ela se apresenta. Já não sendo possível escapar da imanência, é nela que se constrói a própria habitação. Dito de outra forma, de aceitação ativa, que leva a pessoa a mudar a ótica. Não mais focar na falta ou no prejuízo, mas nos germes de possibilidade. De fato, se a vida é um constante vir a ser, não existe nada pronto ou modelos pré-fixados a serem seguidos. Nada é sólido. Por isso, o necessário movimento de demolição/construção da própria morada, centro de Vontade de Poder, espaço corpóreo, fonte de desejos, campo de batalhas, luta de forças, território minado do ser em construção.

2. Niilismo, a casa do “nada” X nada de casa

“Eu vos digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante. Eu vos digo: há ainda caos dentro de vós”.

(Nietzsche, 1986, p. 34)

A palavra niilismo significa negação dos valores, redução a nada (HOUAISS, 2009, p. 1356). O niilismo considerado dessa forma seria um pensamento centrado no nada, no negativo, no vazio. O conceito não foi cunhado por Nietzsche, mas, foi ele seu maior expoente, no sentido de fazer do termo uma noção assaz importante para compreender as circunstâncias em que a modernidade vivia. Seu pioneirismo está justamente ao colocá-lo como um problema que se alastra desenfreadamente na modernidade.

O niilismo nietzschiano tem como marco a “morte de Deus”. Significa que após o homem compreender que os valores conferidos ao mundo terreno e ao além-mundo, supostamente verdadeiros e eternos, são meras perspectivas, mergulha no vazio. A descrença abala o arcabouço de sustentação do eterno, do sentido exterior que se atribui a vida, da recompensa na promessa de uma vida futura que serviam de sustentáculo para a humanidade.

Ao dar-se conta de que com a “morte de Deus” não há mais recompensa e nem paraíso, percebe que a única realidade possível de ser conhecida é esta que ele está vivendo. Vislumbra, então, duas passagens: firmar sua existência em uma criação demasiado humana e deixar de buscar e/ou enxergar sentido algum na existência, ou, ao perceber-se enganado, ressentir-se permanecendo na visão metafísica. Ambas as passagens levam ao mesmo ponto: o niilismo.

Assim sendo, impõem-se duas atitudes para encarar o niilismo: aceitar a vida como ela é, assumindo uma postura afirmativa, que vai potencializar as forças ativas presentes e minimizar o efeito das reativas, ou se vitimar, jogando para uma realidade exterior a “culpa” e/ou a responsabilidade perante a vida, intensificando o poder das forças reativas. Ao minimizar as forças ativas coloca fora da vida a “recompensa” pelo sofrimento que carrega e é obrigado a suportar. As duas atitudes frente à vida se configuram em uma moral: dos fracos ou dos fortes, em um combate constante e voraz em nós.

É na oscilação intermitente do fraco/forte, forças ativas/reativas, construir/demolir, que Nietzsche situa o niilismo, tendo duas formas distintas de concebê-lo: sintoma de decadência (aversão pela existência) ou expressão e aumento de força (condição para um novo começo) (PELBART, 2013).

Nietzsche descreve quatro tipos de niilismo, que podem ser inferidos enquanto tipos psicológicos a coabitarem nos sujeitos. Embora, o pensamento do autor mostra-se, em muitos momentos, com fortes ambiguidades, é possível ver alguns vestígios de historicidade nestes construtos niilistas.

O primeiro niilismo é o negativo. Neste a vida é desvalorizada em nome de valores superiores. Segundo Machado (1985), ele foi criado pelo platonismo, através da filosofia racional e conceitual e endossado pelo cristianismo.

O niilismo reativo, segundo tipo, é o que preconiza a morte de Deus. Há uma negação da ideia

de Deus enquanto arquiteto do mundo e guardião da vida. Situado na modernidade, onde a ciência ocupa o lugar de Deus, não sendo mais preciso a ele recorrer para viver e justificar a existência. Ocorre a desvalorização dos valores superiores e metafísicos.

O niilismo passivo é a serpente negra do livro Assim falou Zaratustra. Ele surge quando o homem se dá conta que não haverá um aperfeiçoamento da humanidade, conforme a cientificidade propagou com a ideia de progresso. O niilista passivo é aquele que perdeu a esperança, incapacitado de amor, de desejo e de criação. Não crê em Deus, mas também não confia mais em progresso histórico e se entristece com isso.

A saída encontrada por Nietzsche se apresenta no quarto e último tipo de niilismo, o ativo. Este traz em seu bojo a perspectiva trágica, como antídoto contra a tristeza e o sufoco exposto pelo niilismo passivo. É neste ponto que a ideia do eterno retorno se sobressai, enquanto suposição: “como se”. Para o filósofo, o niilismo ativo se caracteriza por uma atitude afirmativa perante a vida. Viver o momento presente como se fosse repetir-se eternamente. E repetir-se, assim como tem sido, sem pretensão de mudar nada. Amar a vida com o máximo de intensidade, a intensidade do “amor fati”, que tanto no pensamento de Nietzsche quanto no estoicismo, significa aceitação integral da vida e do destino humano mesmo em seus aspectos mais cruéis e dolorosos.

Seu pensamento traz em cena a tragicidade, capaz de elevar a Vontade de Potência ao máximo, a tornar possível a afirmação de tudo que foi, é e será. É, portanto, conforme Machado (1985), apenas a forma perspectivista que separa o niilista ativo do passivo. A vida continua sendo a mesma e nas mesmas circunstâncias, mas o que muda é a ótica do olhar. Uma vez que, a Vontade de Potência pode ser afirmativa ou negativa, a mesma realidade pode levar o homem a ter posturas diferentes: que nada tem valor na vida ou então que nada tem valor na vida a não ser o grau de potência, a intensidade com que se vive.

Segundo Pelbart (2013), é a vida reduzida ao valor de nada que se configura de niilista. Para o autor, a visão nietzschiana postula que a história Ocidental foi construída sobre fundamentos niilistas: “[...] o niilismo”, diz ele categoricamente, é uma “sequela da interpretação moralista do mundo” (PELBART, 2013, p. 96).

Partindo da análise dos fragmentos póstumos de Nietzsche, Pelbart afirma que o filósofo não apenas descreve a situação niilista vigente, no qual se configura uma vida niilista e a falta de “sentido” que se lhe atribui, mas assegura que,

[...] o essencial consiste em detectar as razões de um tamanho extravio. Pois se falta uma meta e um porquê e o sentimento do “tudo é em vão” tende a crescer, juntamente com o temor diante dele, não é apenas porque “os valores supremos se desvalorizam”, mas sobretudo porque depois que a avaliação metafísica e sua permeação moral entraram em colapso, qualquer valor já parece impossível (PELBART, 2013, p. 96).

Pautar a vida sob o signo do niilismo ativo pressupõe ação e comprometimento. De acordo com a analogia adotada no ensaio, é construir a própria “casa”, afirmando a vida com todas as forças que a compõem. É amar a “casa” como é e com tudo o que é e pode vir a ser. Aprender com o sofrimento afirmador e ir adiante com os pés calçados no solo da imanência alargando o máximo possível o território da potência que nos habita e nos faz habitantes do além de nós, ou para fazer jus à expressão nietzschiana “além do homem”.

Estar em construção é projeto inacabado, sempre de novo iniciado. É travessia e não chegada, processo, percurso, caminhada, expansão, amplitude, inquietude, movimento. É casa, solo, território, contradição. É um olhar perspectivista, vida em ação, ser em transformação. Uma vida, uma casa em constante construção/demolição.

3. Minha casa, minha vida

Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar, para atravessar o rio da vida - ninguém, exceto tu, só tu. Existem, por certo, atalhos sem números, e pontes, e semideuses que se oferecerão para levar-te além do rio; mas isso te custaria a tua própria pessoa; tu te hipotecarias e te perderias. Existe no mundo um único caminho por onde só tu podes passar. Onde leva? Não perguntes, segue-o.

(Nietzsche, 1986)

O pensamento de Nietzsche é atemporal, imortal, pois diz da vida com toda sua complexidade,

beleza, luta e promessa de devir. A escolha da frase “Minha casa, minha vida”, slogan do Programa Habitacional do Governo Federal, retirado do contexto do qual foi idealizado, pode ser um instrumento de reflexão conclusiva do presente ensaio. ‘Minha casa, minha vida’, expressa a trajetória de Nietzsche na busca frenética de centrar-se no mundo da vida, como, segundo ele, a arte trágica grega vivia, tendo seu apogeu na Grécia Antiga, balizada na figura de Apolo e Dionísio.

Poder falar “minha casa”, é ser dono dela, é responsabilizar-se por ela, assumindo o ônus e o bônus de ser proprietário. É cuidar da casa, sentir-se em casa, habitar todos os espaços. Ser dono é ter liberdade para organizá-la, adequar à nossa maneira, mudar sem necessidade de permissão ou validação de outrem.

Quando se diz “minha casa, minha vida”, pressupõe um habitar a própria residência. Um “Sim” para com tudo o que é no momento e um compromisso de construir o que se quer ser. Ao mesmo tempo em que é um “Não” morar permanente em casas outras. Não ser inquilino, pagar aluguel e usufruir de um bem construído à medida do outro. Um imóvel que não me pertence e do qual minha vida precisa se adequar. “Minha casa, minha vida” é permitir-se ocupar o espaço único, singular, que sou. Sugere tomar a vida nas mãos assumindo-a em sua complexidade. Ou conforme o filósofo: “Tomar-se a si mesmo como um fado, não se querer “diferente” – isso é, em tais situações, a grande razão em si” (NIETZSCHE, 2011, p. 37).

O autor propõe um novo olhar: uma casa-olhar que vê e enxerga a existência enquanto potência. Uma casa-olhar que é pincel, cinzel, tinta, pintor, tela, arte, criação. Casa-olhar-arte em permanente construção no solo da imanência, território povoado por forças contraditórias que coexistem em um embate irresoluto (PELBART, 2013).

Uma casa-olhar-arte que vislumbra o além e alcança o momento, com espaço de criação, na lógica do vir-a-ser ao maximizar a potência que perpassa o liame da existência singular e coletiva, tatuada na dimensão corpórea de cada um.

Uma casa-olhar-arte que acolhe o vivido, que afirma alegremente a existência com tudo o que ela comporta, sem a necessidade de polarizar, estruturar, definir emitindo juízos dentro do limiar escravo. Uma casa-olhar-arte inacabada. Forte, flexível, aberta, inesperada, ampla, arejada. Casa mãe da vida que sempre cabe mais um, mais um processo de demolição/construção. Assim, é imprescindível ponderar que,

Mas quem vê em Nietzsche apenas o destruidor impiedoso e bárbaro não percebe que tal demolição está sempre a serviço de uma afirmatividade primeira, do desejo de um tempo fundador, cujos prenúncios ele não cessa de detectar aqui e ali. Um tempo fundador cuja necessidade ele invoca crescentemente (PELBART, 2013, p.110-111).

Casa-olhar-arte em demolição constante, que suporta afirmativamente o destino na longa jornada de destruir a si mesmo e toda a arquitetura montada, armada e pensada culturalmente para dar espaço a novas criações. É uma única casa? Com certeza são muitas casas! Tantas quantos os processos cotidianos de demolição e construção. A casa-olhar-arte de ontem não é mais a casa-olhar-arte de hoje. O tempo é outro, o território também não é mais o mesmo, a pessoa mudou. Do mesmo modo, a casa-olhar-arte do amanhã, pois o hoje está grávido do futuro que virá, ainda que não tenha forma, mas sabe-se que virá. A beleza da vida está justamente no elemento surpresa, que não ruma o passado, que aposta na imprevisibilidade do futuro e impregna o presente de criação artística.

A partir do que Nietzsche sinaliza, tem-se um projeto inacabado de casa/pessoa em processo infinito de fazer-se e desfazer-se. Tal imperativo carrega o fardo leve do “amor fati”, empenhando ao homem a responsabilidade de fazer-se quem se é. Contudo, o que o filósofo alemão propõe não é a fuga do sofrimento intrínseco ao processo de amadurecimento, tão pouco uma felicidade ilusória, mas uma travessia árdua e necessária na construção de pilares concretos, reais e balizadores de uma vida que se metamorfoseia com intensas dores de parto, no qual se dá à luz a si mesmo, na forma mais natural e fidedigna possível. “De fato todo grande crescimento traz consigo também um descomunal desmoroamento e perecimento: o sofrer, os sintomas do declínio fazem parte dos tempos de descomunal avanço” (PELBART, 2013, p.110).

A convocatória do seu pensamento, descrita no subtítulo da obra *Ecce Homo*, é ao mesmo tempo o seu desejo de itinerante, peregrino do humano, experimentador e experimento: “De como a gente se torna o que a gente é” (NIETZSCHE, 2011).

Nietzsche, arquiteto de pensamentos, perito de uma obra de arte trágica, que se tece na tela da

imanência, se colore com as cores dos instintos, cujas forças contraditórias e embativas se mesclam dando a cada instante novas e inusitadas formas. Que se cria no espaço territorial da existência, em um tempo marcado pelas badaladas emblemáticas do “martelo-cinzel” na luta constante de demolir o que fixa, detém, ressentido, asfixia e devora a vida e a impede de expandir-se ao máximo de sua potência.

Todavia, uma frase, entre tantas que a nosso ver esclarece o percurso de construção e demolição instigado por ele, se encontra no fragmento: “[...] e quem quiser ser um criador, no bem e no mal, tem de ser, antes de tudo, um destruidor e arrebentar valores. Assim, pois, o mal maior é próprio do maior bem: este, porém, é o criador” (NIETZSCHE, 2011, p. 145-146).

O autor, ciente desta realidade, fala do devir ativo, da força dinâmica, na lógica da criação artística, que integra paulatinamente todas as forças em nós. Deste modo, sinaliza a doença que se encontra na base do devir homem. Doença resultante da ruptura com o seu passado animal, instintivo e natural de viver e se expandir. Pois, para ele o ser humano é uma contradição viva. Contradição que não significa objeção, mas a que abre perspectivas a existência e torna o presente prenhe de futuro.

Neste horizonte, conforme Giacoia (2001), entende-se que o homem é doente e não pode não ser doente. Por isso, a necessidade humana de construir moradas, viver ideais acéticos. Uma vez que o problema não é a moral em si, mas a visão moralizante que se tem sobre a vida.

Em cada momento vivido, habitamos e somos habitados por diferentes “casas”: a casa da moral, alvo de críticas vorazes, é uma das residências mais habitadas. Embora a rejeitemos, é nela, que acampamos por longos períodos e a ela retornamos inúmeras vezes. Mostra-se aí o paradoxo humano: criticar, se opor, rejeitar toda e qualquer estrutura, por outro lado viver de tal forma a prolongar e solidificar as instituições estruturadas que tanto se recusa.

Logo, todas as “casas”, que julgamos menos apropriadas, são também frutos dos desejos. Os desejos são sempre instituintes, desejos do mesmo, da repetição. Todas essas “casas” são moradas que nos constituem e inevitavelmente nos habitam. O desejo da casa da moral, da racionalidade, etc., são os nossos desejos, forças em luta constante no território interior. Instituições que nos servem e fazem sentido em nossa vida.

As habitações construídas/demolidas no percurso existencial nos constituem e são partes fundamentais na travessia. Somos seres de errância, de transitividade em território de forças antagônicas, marcados pela doença crônica e/ou endógena: o devir homem. Tal patologia nos leva a agir ativamente na descarga da força motriz que impulsiona a construir novas moradas. Sempre no horizonte da espontaneidade que provoca a originalidade da construção. Contudo, há momentos de adaptação, imantados pela ação reativa, nos submetemos aos meios externos, que para o autor é a mediocrização do homem moderno.

Que a casa da moral tenha sido moradia de todos e tenha significado tanto para a humanidade, nos leva a inferir que foi na perspectiva de tornar possível a vida humana na terra. Uma terapia para o animal doente, uma panaceia, um alucinógeno, um narcótico capaz de fabricar cabides para pendurar e transferir a “outros” a responsabilidade de nossos infortúnios.

O ser humano precisa dar-se conta que a origem, a causa da dor e do sofrimento é constitutiva do ser homem. Não é possível tirar da vida real todos os elementos negativos, bem como estar ciente de que a fratura, a hostilidade da vida contra a vida se passa a nível psicológico.

Neste contexto, entra em cena a arte trágica. A tragicidade apontada pelo autor expressa uma vida forte, existência capaz de suportar tudo o que há. Aceitação integral da vida em todos os aspectos. Assimilar a vida em sua integridade sem acréscimos e sem subtrações. Sacralizar a vida, as pulsões, os desejos, os instintos como único meio de felicidade eterna na imanência. Supressão da culpa e da seriedade. Surge então a afirmação do riso e da leveza. Quem é capaz de rir de si, se livra de toda culpa, que é para Nietzsche a justificação não moral da existência. A justificação estética, que simboliza o cuidado de si em todas as moradas que nos habitam e que são por nós habitadas.

Considerações finais

A proposta que Nietzsche aponta para a inexorável condição humana é o “amor fati”, condição essencial para superar o niilismo negativo, o reativo e o passivo. Quando se ama o destino, maximiza-se as potencialidades, o desejo de realização e de autorrealização. De tal modo, que nada possa querer diferente, tão pouco almejar recompensas futuras ou forjar um mundo fora da vida para se refugiar. O que ele sugere não é suportar a vida, mas amar. Suportar traz em seu bojo resquícios de ressentimento, peso, fastio. Amar, por sua vez, evoca ação propositiva, ativa e afirmativa diante da vida. Quem suporta é o escravo, o homem apequenado, o tipo fraco. Ama quem é forte, potente, aristocrata. Acredita-se que amar o destino é

realizar a transvaloração de todos os valores, é tornar-se arquiteto da casa-vida-além do homem. Transvalorar não é apenas inverter ou mudar, mas romper por completo todas as barreiras, é destruir as amarras externas e internas que nos prendem, nos cerceiam, nos apequenam. Tarefa para quem não se refugia no rebanho, mas assume-se enquanto criador, construtor, pintor, pincel, cinzel no devir cotidiano.

Ao concluir esta reflexão, constata-se que seu pensamento não se fixa na ideia de uma negatividade intrínseca ao vivido, mas é um demolir para construir, é a experiência do vazio para no vazio encontrar saída de si mesmo, já que não há alternativas fora do mundo da vida. Logo, é um assumir-se por inteiro, responsabilizando-se pelo que se é e virá a ser: “minha casa, minha vida”. A vida como ela é, não sendo possível “salvação” e/ou “redenção” fora dela.

O que Nietzsche sugere não é uma passagem, mas uma travessia, um fazer-se contínuo. A travessia se dá no território do trágico que se traduz no processo de ir além do homem. Isso se torna possível àqueles que conseguem viver uma vida que valorize o corpo, o prazer. Aquilo que temos efetivamente e que faz de nós pessoas que constroem essa vida como quem constrói uma obra de arte. Para tanto, temos que ser mais que homens. Para ser homem basta criar mundos, verdades, paliativos, absolutos, mas para ser além do homem, é preciso viver essa vida como quem está pintando um quadro, como quem está criando a obra de arte.

Arte, na qual o corpo é tomado pela música. Corpo-casa que se inventa na demonstração artística, forte e intempestiva da musicalidade que canta, entoia, destoa, encanta, faz rir, faz chorar, emociona, decepciona, traz saudades, emerge lembranças, superação, enfrentamento e ação ao coreografar o mundo como ele é.

Casa-corpo, corpo-casa, espaço e expressão da musicalidade do devir, da leveza do riso, dos passos ritmados de quem dança a vida na espontaneidade do ser em construção/demolição. É o estalido do processo constante de construir e destruir que emerge a casa musical em um corpo que tensiona o vivido e nele impulsiona as cordas da criação, emitindo as mais variadas notas musicais na grande sinfonia da complexa e bela orquestra que é a vida.

As perguntas advindas desta inquietude provocada seguem a saga de quem se autointitulou de “póstumo”. Temos coragem de viver o que Nietzsche preconizou? Nosso olhar moralizante torna possível tal travessia? Conseguimos vivenciar a lógica do “eterno retorno”? Somos tentados a pausar o controle remoto da existência a fim de extrair os fragmentos do vivido e adequar ao nosso modo?

Referências

- FERRERA, L.Z. *Crepúsculo dos Idolos – Parte I*, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2Q6vfwuvSBY>>. Acesso em: Nov. 2014.
- GIACOIA Jr, O. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.
- MACHADO, R. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral*. 3. ed. São Paulo: Escala, 2009.
- NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. *Ecce homo*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.
- NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- PELBART, Peter Pal. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro:

Human Being: House Under Construction, Territory of Antagonistic Forces

Abstract: The present paper aims at examining human condition from the perspective of the nietzschean logic, centered on the immanence and on the game of natural, antagonistic forces that inhabit in it. Following Nietzsche's reasoning whose maxim is "Become who you are" (Nietzsche, 2011), it is possible to realize the cartography outlined in the constitution of a territory in which body and life are parameters of thinking, feeling and living. House metaphor will arrange the reflexive plot by deliniating the hard, inevitable, continuous moviment of construction and destruction which constitutes the dynamic of existence. This article is divided into three parts. Firstly, life will be studied by means of a process of construction and deconstruction, taking into account passions existing in it. The second moment brings the concept of nihilism that has been thought from "The House of Nothing", with the possibility of making head against it. Finally, "my house, my life" is a call to make your life, your home, base/launch platform for human species – too human.

Keyword: Home – Will to Power – Nihilism – Antagonistic Forces – Life